

UMA NOVA ÓTICA PARA A COLUNA PRESTES

Maria Lúcia de Souza Rangel Ricci
UNESP-Franca

Oportuna abordagem feita por José Augusto Drummond sobre – A Coluna Prestes – rebeldes errantes – publicado pela Brasiliense (SP), em sua Coleção Tudo é História (103), onde o A. baseou-se primordialmente na literatura de memórias, depoimentos e documentários dos participantes, a fim de concretizar seu estudo, demonstrando o desafio vivido pela organização política brasileira entre julho de 1924 e março de 1927.

Analisa José Augusto à p. 15 que a “Coluna Prestes expressou com a máxima clareza o militarismo dos tenentes, ou seja, sua valorização da excepcionalidade atribuída ao Exército brasileiro enquanto “patrocinador dos direitos do povo”, tornando, sem dúvida alguma, singular o papel do tenentismo na história das intervenções militares no Brasil.

Demonstra com muita propriedade o A. que a Coluna Prestes foi fruto das frustradas rebeliões militares ocorridas em São Paulo e no Rio Grande do Sul em 1924, onde a cisão entre os oficiais foi notória e a Coluna representou uma espécie de “escola preparatória” (p. 29) dos líderes do tenentismo, uma vez que havia uma geral insatisfação política dos militares com a situação política nacional.

Enfatiza ainda o A. (p. 36) que “a Coluna Prestes foi um grande feito militar, embora dificilmente possa ser considerada um feito da instituição Exército Brasileiro”, ao mesmo tempo que também não teve a intenção de esmagar as forças governistas pela violência.

Estuda minuciosamente a marcha da Coluna, bem assim os elementos que a integravam, revelando-nos suas ocupações e situações sociais, ao lado dos objetivos dela e de sua transformação de acordo com “as avaliações de caráter tático e estratégico” (p. 57).

Para o A. a ação política da Coluna Prestes fora de pouca monta, apressada e elitista, sem ter tido intenção ou ação no sentido de mobilizar a população, constituindo-se, basicamente, numa marcha de cavalaria.

Diz-nos o Prof. Drummond à p. 81 que a “Coluna Prestes, ao longo de sua marcha, desenvolveu uma hierarquia própria bastante

reveladora de seu isolamento militar, de seus objetivos militaristas e de sua sensação de auto-suficiência". Com isso, em nenhum momento de sua caminhada ela chegou a ameaçar os fundamentos políticos, sociais e econômicos da sociedade brasileira, não sendo, conseqüentemente, agente de uma revolução social.

Numa análise amplamente diversa da feita por Nelson Werneck Sodré sobre esta problemática, o jovem professor dá-nos, com este trabalho, valiosa contribuição à historiografia brasileira em seu estágio de revisão, ampliando, desta forma, o espaço para o debate do discurso científico.